

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

BENEDITA APARECIDA SOLIDÁRIO

REFLETINDO AFETIVIDADE

CAMPINAS

2008

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

BENEDITA APARECIDA SOLIDÁRIO

REFLETINDO AFETIVIDADE

Memorial apresentado ao Curso de Pedagogia-
Programa Especial de Formação de Professores em
Exercício nos Municípios da Região Metropolitana de
Campinas, da Faculdade de Educação da Universidade
Estadual de Campinas, como um dos pré-requisitos
Para conclusão da Licenciatura em Pedagogia.

CAMPINAS

2008

**Ficha catalográfica elaborada pela biblioteca
da Faculdade de Educação/UNICAMP**

So44r Solidário, Benedita Aparecida.
Refletindo afetividade: memorial de formação / Benedita Aparecida
Solidário. -- Campinas, SP : [s.n.], 2008.

Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Universidade Estadual
de Campinas, Faculdade de Educação, Programa Especial de Formação de
Professores em Exercício da Região Metropolitana de Campinas (PROESF).

1. Trabalho de conclusão de curso. 2. Memorial. 3. Experiência de vida.
4. Prática docente. 5. Formação de professores. I. Universidade Estadual de
Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

08-196-BFE

A todos os professores que ao mesmo tempo em que ensinam,
aprendem muito com seus alunos.

AGRADECIMENTO

Primeiramente agradeço a Deus, por minha existência e por me dar forças em todos os momentos da minha vida, podendo assim superar os desafios e obstáculos no decorrer da caminhada.

Em memória de minhas avós que sempre me apoiaram no início da caminhada, cuja lembranças estão sempre vivas em minha mente.

A meus pais, que mesmo não tendo muito estudo, sempre me incentivaram a estudar, para ter um futuro melhor.

As minhas irmãs, que na hora em que pensava em desistir, sempre tinham uma palavra de incentivo me encorajando a prosseguir, em minha caminhada. Em especial a Elisete que sempre esteve pronta a me ajudar com os trabalhos.

As minhas colegas de trabalho que hoje já não fazem mais parte da unidade onde trabalho mas sempre me apoiaram, para realização do meu sonho.

A todos os professores que me acompanharam durante a minha formação, pessoas com quem interagi tantos anos e com quem participei de lutas que me trouxeram cada vez mais experiência e amadurecimento.

As colegas de sala onde pude fazer trocas de experiência, que me ajudaram a melhorar minha timidez. Em especial a Alzira, Elis, Daniela, Ana Claudia.

Enfim, agradeço a todos que de alguma maneira me ajudaram a concluir mais uma etapa da minha vida.

“As vezes, mal se imagina o que pode passar a representar, na vida de uma aluno, um simples gesto do professor.”

Paulo Freire

SUMARIO

APRESENTAÇÃO.....	01
1. INFANCIA E VIDA ESCOLAR.....	02
2. TRAJETÓRIA PROFISSIONAL E FORMAÇÃO SUPERIOR.....	03
3. CONTRIBUIÇÕES DO PROESF PARA REFLEXÃO.....	04
3.1 Como a criança era vista pela sociedade.....	13
3.2 A importância de vivências lúdicas para expressão do afeto.....	17
3.3 A arte de ser feliz.....	18
4. REFLETINDO AFETIVIDADE.....	19
4.1 Poesia: Ao contrário, as cem existem.....	23
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	25
REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS.....	27

APRESENTAÇÃO

Com esse memorial, pretendo percorrer minha trajetória de vida, passando pelo âmbito familiar, pela vida escolar e minha docência, terminando com a formação acadêmica; enfocando o tema afetividade, no transcorrer dessa trajetória, fazer um paralelo entre a prática docente e os estudos teóricos vistos durante a faculdade, que foram essenciais para uma longa reflexão sobre o assunto.

Para isso faz necessário fazer um breve resgate da história social da criança e da família, visto que o sentimento e valorização atribuídos à infância, nem sempre existiram da forma como hoje são conhecidos e difundidos, sendo determinados a partir de modificações econômicas e políticas da estrutura social, com o surgimento do capitalismo, mudando assim o papel social da criança na comunidade.

Pretendo relatar nesse memorial a importância da afetividade para um desenvolvimento pleno da criança em todos os aspectos (social, físico e intelectual), que no decorrer de sua vida escolar tem vindo se perdendo com o tempo. A poucos dias atrás ouvi uma mãe fazer o seguinte comentário, que depois que sua filha saiu da pré escola havia sentido a falta de carinho por parte das professoras, que elas pareciam ser intocáveis.

Sempre me preocupei com os sentimentos de meus alunos pois a mudança para eles e brusca pois deixam para trás as brincadeiras e um contato mais próximo com a sua professora, tendo assim uma maior dificuldade de adaptar-se com a nova rotina de trabalho. Deixando de viver as experiências lúdicas que são de grande importância para o desenvolvimento das crianças.

Por isso tenho a certeza de que a educação infantil é um momento único, e o educador tem que ter o compromisso de proporcionar às crianças a oportunidade de se expressar de forma espontânea, pessoal, procurando valorizar todo seu potencial e criatividade.

E preciso reaprender a linguagem do amor,
Das coisas belas e das coisas boas,
Para que o nosso corpo se levante e se disponha a lutar.
(Ruben Alves)

1. INFÂNCIA E VIDA ESCOLAR

Lembro-me que minha infância sempre foi cercada de muito afeto por parte de meus pais, principalmente de minha avó que mesmo não tendo nenhuma escolaridade tinha uma sabedoria impressionante em relação à vida, e com muito carinho e dedicação ajudava na nossa formação, embora a educação da época fosse rígida e cheia de moralidade.

Como morava em um bairro rural, o espaço era grande e me propiciou um infância cheia de brincadeiras, antes do início da vida escolar. Meus pais trabalhavam na lavoura e não tinham muita instrução, minhas irmãs estudavam e após os estudos iam ajudar, eu ficava em casa com minha avó. Quando criança gostava de brincar de escolinha com minhas irmãs, onde elas transmitiam as experiências vividas com suas professoras, eu como aluna tinha que obedecer suas ordens pois não tinha o direito de me expressar nem brincar, não havia momento para conversa na sala, mostrando-se sempre séria sem esboçar nem um sorriso para seu alunos.

Gabriel Perissé (2004) afirma que o professor deve sorrir para seus alunos, pois o sorriso abre a inteligência, deve também ser simpático para que seus alunos não o vejam como um inimigo.

Sabendo que a imitação é uma característica inerente das brincadeiras infantis, passei a refletir sobre a importância de estarmos atentos a postura e atitudes diante dos nossos alunos, para diante de uma imitação não nos sentirmos como um torturador perante as crianças. Apesar de ter compreendido a importância da teoria com a prática, quando entrava na sala, não enxergava mais o que estava estudando, as coisas que tinha compreendido, parecia que tudo não fazia mais sentido. A partir do momento que entrava em contato com a realidade não conseguia raciocinar, não conseguia fazer a relação da teoria com a prática.

Iniciei meus estudos aos sete anos na escola do bairro onde ainda moro, tenho poucas lembranças dessa fase, mais sei que fui alfabetizada da forma tradicional, a cartilha, o meu primeiro contato com a leitura e escrita formal aconteceu na escola devido morar na zona rural e não interagir com o mundo letrado (via outdoors, letreiros, placas etc...). Devido a condições financeiras não tinha acesso a revistas, livros e jornais, por isso, passava horas brincando de escolinha fingindo ser professora. Tudo o que meus pais me ofereciam, procurava aproveitar ao máximo, porque sabia que eles

estavam oferecendo o melhor que podiam. Também valorizo muito tudo o que eles me proporcionaram na minha infância, pois em uma época em que o estudo era mais e seletivo, faziam possível para que todas as filhas tivessem a oportunidade de estudar, pois poderiam achar que como a escola era para poucos simplesmente estudar não fosse de muita importância, principalmente para nos de raça negra que já eram discriminados perante a sociedade. Sempre procurei ser uma boa aluna embora tenha tido alguns fracasso nesse caminho, o que muitas vezes me deixava um pouca desmotivada, pois tinha dificuldade com a escrita.

Emilia Ferreiro (1997, p. 18.) diz que as primeiras escritas aparecem por volta dos dois ou três anos como linhas onduladas ou quebradas, continuas ou fragmentadas, ou ainda uma serie de tracinhos ou bolinhas. Afirma que ate poucos anos atrás as primeiras tentativas de escritas feitas pelas crianças eram desprezadas e vistas como “rabiscos” considerando-se que a escrita deveria começar diretamente com as letras convencionais.

Atualmente sabemos que a criança escreve do seu jeito, está nos oferecendo um documento que precisa ser interpretado, e que o uso da escrita está relacionada com a necessidade de um registro, e instrumento necessário ao homem, na sociedade. Mas com a evolução tecnológica, a escrita não tem sido a única forma de possibilitar informações do cotidiano das pessoas, sendo utilizados outros meios de comunicação, como por exemplo... (a televisão, rádio, jornal, computador, etc...).

Lembro-me também da postura de meus professores que não se interessavam em saber sobre a nossa vida, sentimentos, as novidades que tínhamos fora do contextos escolar. Os alunos só podiam falar quando solicitados, exclusivamente sobre o conteúdo que estava recebendo. No entanto, sabemos que cada aluno traz em si a sua historia, suas vivências, nenhuma criança é uma “tabula rasa”.

Dentro desse paradigma a educação torna-se um ato de transmissão de conteúdos em que os alunos recebem, memorizam e repetem mecanicamente o que lhe é transmitido, uma característica inerente que Freire (1997) define como “ensino bancário”, que tem como finalidade tirar do aluno o poder de desenvolver a criatividade, que o torne passivo no seu processo de construção de conhecimento.

O professor deve respeitar e valorizar a “ leitura de mundo “ que o aluno traz para a escola, tornando um ponto de partida e, ir além dele, assim também a diversidade que há entre os alunos. Entendemos através dessas palavras que:

Não é possível respeitar aos educandos, à sua dignidade, a seu ser formando-se, à sua identidade fazendo-se, se não se levam em consideração as condições em que eles vêm existindo, se não se reconhece a importância dos conhecimentos de experiência feitas” com que chegam à escola.
(Freire, 1996, p. 71).

Lembro-me, que no início do magistério, imaginava uma educação diferente, não a educação que havia recebida na escola primária no estilo tradicional, mas me enganei, a postura dos professores era a mesma impessoal, não se importando com as emoções dos seus alunos e sim passar o que era da sua competência uma educação tradicional, conteudista, aquela que já havia conhecido.

O modelo de educação de cada sociedade, em cada uma de suas etapas de desenvolvimento, é determinada pelos costumes e pelas idéias vigentes, e impõe-se ao indivíduos como uma força contra a qual a resistência implica necessariamente uma dissidência.

Ele também afirma que é preciso que a sociedade passe por um amplo processo de moralidade, cuja base é justamente a educação, racionalista que será possível encerrar esse período de transição e definitivamente a mais avançada das civilizações, cujo base é o respeito à razão, à ciências, as idéias e os sentimentos que configuram a moral democrática, de moralizar a sociedade e a escola.

Existe uma serie de obrigações às quais a criança esta forçada a submeter-se que se chama disciplina escolar. Pelas práticas da disciplina escolar é possível incultar na criança o espírito de disciplina ,como destino inquestionável das futuras gerações, legitimando a desigualdade sociais e fortalecendo a doutrina da exclusão. Apresentado na capacidade da escola de normalizar os desviantes e percebendo a criança como uma “tabula rasa” na qual os educadores podem inscrever seus ideais.

Essa normalização realiza-se de um modo a determinar, e reconhece-la docilmente em outro termos, é necessário que sinta a autoridade moral que há nela e que a faz respeitável. Sua obediência não é verdadeiramente moral se não for a tradução exterior desse sentimento interior de respeito.

O desrespeito à regra desmoraliza porque prejudica a fé das crianças na disciplina. A criança precisa internalizar a regra de maneira tal a sentir-se culpado caso a viole antes mesmo de ser acusada.

Quando ela reconhece a autoridade daquele que pune então a disciplina já se tornou uma força interna. O papel do professor nesse contexto é justamente o de “ensinar” os alunos a avaliarem suas faltas.

A autonomia é entendida por Durkheim (apud Singer, 1997) como a inteligência da moral e expressa-se no conhecimento das causas, das serventias, das razões da fundamentação enfim da moral de grupo social ao qual a criança está vinculada.

Em busca de um caminho
Não vê que somos viajantes?
E você me pergunta:
- Que é viajar?
Eu respondo com uma palavra: é avançar!
Experimenta isso em você
Que sempre te desagrada ser o que você é.
Para que sempre um dia aquilo que você ainda não é
Com efeito, no dia em que você parar de avançar e disser:
- até aqui já basta, então você já está morto.
Avance sempre, ande sempre.
Não fique parado no caminho.
Está imóvel aquele que não avança.
Está andando de marcha ré aquele se afasta de um ideal.

(Santo Agostinho, Curitiba:IESDE,2005)

2. TRAJETORIA PROFISSIONAL E FORMAÇÃO SUPERIOR

Somos aquilo que lembramos e que esquecemos.
Sombras indeléveis de arrulhos.
Sombras apagadas de arrufos.
Nas trilhas da lembrança e do esquecimento,
Caminha a memória deixando rastros de nossa historia.
(Rozana Gastaldi)

Iniciei minha trajetória profissional, quando ainda estava cursando o segundo ano de magistério, foi nesse ano que conheci uma pessoa que trabalhava no antigo Mobral, que me disse, que a Prefeitura Municipal de Vinhedo estaria mandando um grupo de pessoas para fazer um curso de especialização na área de educação infantil, e que estas pessoas teriam a oportunidade de assumir uma sala, assim que concluísse o curso. Fiquei muito interessada em fazer parte do grupo, e foi através dela que consegui fazer minha inscrição. Foram alguns meses de sacrifício, pois o curso era o dia inteiro e depois teria que ir a aula a noite. Como morava um pouco longe de centro da cidade teria que ir até lá, para pegar a kombi que nos levaria ate a cidade de Jundiaí onde seria ministrado o curso. Após o termino do curso foram selecionadas algumas pessoas que assumiram algumas salas de aula existente, mas para minha tristeza eu não havia sido, fiquei um pouco frustrada mas continuei minha rotina na escola onde eu estudava.

Alguns meses depois em uma segunda chamada fui selecionada e assumi uma sala de pré-escola, que para maior alegria situava-se na escola do bairro onde morava. A felicidade era imensa, mas também estava muita apreensiva, nunca havia trabalhado antes, como seria recebida pelas crianças? como me sairia diante delas?

Os primeiros encontros com a turma e com outros professores, foram muito angustiantes, uma pessoa negra exercendo a profissão de professora, em uma época em que o preconceito ainda era muito forte, as vezes me senti excluída do grupo de professores, pois era a única no meio. Com o passar do tempo fui me adaptando e construindo uma postura aprendida na escola e observando a postura das professoras das escolas onde fiz estágio. Trabalhei durante três anos como estagiária na mesma escola no bairro da Capela. Em 1984 houve o concurso público na prefeitura com a finalidade de regularizar o quadro do magistério do município. Prestei o concurso, passei e no ano seguinte fui chamada para ser efetivada na rede, continuei a lecionar na mesma escola ,e nesse mesmo ano conclui o magistério. Trabalho com educação infantil já faz vinte e três anos, é a faixa etária que mais gosto de atuar, pois é a idade em que a

criança está descobrindo à escrita e à leitura e onde alguns professores respeitam o direito que elas tem de construir seus conhecimentos de forma prazerosa.

Sabendo que a criança chega à escola trazendo muitos “saberes” adquiridos durante suas vivencias, pois quando ensinamos alguma coisa a elas, também aprendemos muito com elas. A criança é um ser social e não um ser isolado de outros, desde quando ela nasce já faz parte da primeira sociedade que é a família, é dentro dessa família que aprende a conviver com outras pessoas que ensinam a elas algumas coisas como, por exemplo, ouvir historias contada pelos pais todos os dias, assim contribuindo para que elas com certeza tenha uma maior facilidade em apropriar-se da linguagem oral e no futuro da linguagem escrita. Outras crianças têm uma maior facilidade e acesso aos meios de comunicação que estão cada dia mais avançados e não tem como não deixar a criança interagir com esse mundo digital, onde elas constrói um conjunto de conhecimentos sobre o mundo que a cerca.

Como não tive a oportunidade de freqüentar a Educação Infantil, dou muita importância a ela. Pois é primeira infância uma fase importante para formação do ser humano, por isso pessoas que trabalham com essa faixa etária tem que saber sua verdadeira importância diante da criança.

O curso do PROESF esta contribuindo muito com minha prática e para uma reflexão mais profunda a respeito da criança. Como professora sempre senti a necessidade de uma formação acadêmica, saber mas sobre as teorias, sobre os pensadores e das experiências realizadas por eles, mas por falta de recurso financeiro não tinha como realizar esse sonho. Lutei muito para poder chegar ate aqui, mesmo sendo a ultima turma do PROESF estou feliz por ter conseguido e estar quase realizando meu sonho, por isso procuro levar dentro de mim o máximo do aprendizado que estou tendo aqui na Unicamp uma das melhores faculdade existente, e eu estou prestes a concluir meu curso de pedagogia, uma sonho mais do que esperado e por fim realizado, e através deste poder facilitar o processo de aprendizado das alunos.

No primeiro dia de aula depois de vinte anos longe da sala como aluna, experimentei uma um sentimento de insegurança que acredito já ter causado o mesmo em meus alunos, na disciplina de Educação e Tecnologia, a A.P. faz uma pergunta sobre o texto lido, meu pensamento que estava fora de órbita pois a expectativa e ansiedade era grande por estar ali na universidade nem queria falar, isso me marcou muito, e deste dia em diante não fiz mais isso com meus alunos já no primeiro dia de aula por ter experimentado exatamente o mesmo sentimento de insegurança, medo do novo,

também observei o quanto é importante deixar que as crianças se interessem cada vez mais com a tecnologia, pois senti grande dificuldade, e quanto mais cedo elas fizerem essa interação, menos dificuldade terá no futuro, compreendendo melhor o mundo que a cerca.

Com a disciplina de Multiculturalismo e Diversidade Cultural, ficou claro que todos nós devemos respeitar, as diferenças existentes na sociedade sem fazer qualquer pré-julgamento, nem rotulando as crianças, fazendo com que esta se sinta constrangida ou mesmo humilhada diante de seus colegas. Para isso devemos repensar nas datas comemorativas existentes, respeitando todos os tipos de família, não somente “ideal”, mais as existentes na nossa sociedade.

A disciplina Pensamento Psicológico e Educação fez com que olhasse a criança como um ser histórico, social e cultural, dotado de inconsciente e desejos que influenciam e modelam pensamentos e a ação consciente, não como um objeto de estudo a ser conhecido, mas sim com um sujeito de construção do seu próprio mundo, ativo na relação com outros sujeitos.

Os estudos analíticos com adultos mostram ser possível à criação de uma educação psicanalítica visando à preservação da neurose. A psicanálise contribuiu para a pedagogia pois possibilitou uma visão crítica das normas pedagógicas existentes, por ser a doutrina da pulsação do inconsciente, e por construir a teoria do libido.

A tarefa de uma pedagogia baseada nos fatos relevantes pela psicanálise consistiria em achar um equilíbrio entre o extremo do consentimento da satisfação do indivíduo, e a proibição da manifestação do desejo, a liberdade em excesso ou uma repressão exagerada pode levar a criança a consequências desastrosas.

Um sistema educacional esclarecido pelo conhecimento psicanalítico permitira um fortalecimento do ego, influenciado indiretamente na sua capacidade de sublimação, ou seja, na utilização das pulsões par finalidades sociais. Na escola é fundamental que o professor possa estar atento para os desejos do educando que recaem sobre ele, que se interpõem entre o aluno e o objeto a ser aprendido, e que colocam o educador frente a expectativas que transcendem sua função.

A pressão que a sociedade exerce sobre o indivíduo desde a infância, através da educação faz com que a criança se conforme a realidade que é de regra, a de dissimular sua investigação e seu conhecimento de tudo o que possa se relacionar à sexualidade.

A entrada no universo simbólico se dá pela linguagem que diferencia o homem dos outros animais, caracterizando-o em sua especificidade ao mesmo tempo em que

permite a construção da sua subjetividade. Quando a psicanálise coloca a linguagem como marca humana, possibilita uma aproximação com as questões da educação principalmente no que diz respeito à importância que o professor deve atribuir aquilo que a criança diz. Na escola o desejo de saber do adulto se confronta com o desejo do professor, está ligado a um ideal pedagógico colocado por ele mesmo, no início e que interdita ao mesmo tempo em que se mostra ao aluno.

A escola é um meio de grande importância para o desenvolvimento das relações afetivas da criança com o adultos, assim como também com outras crianças da mesma idade. Para isso é necessário que a escola não mantenha o aluno numa relação de submissão passiva à autoridade do professor. É numa relação de diálogo e de escuta, que a educação será uma relação que respeita da pessoa da criança, respeito e compreensão ao seu comportamento e as etapas de se desenvolvimento psíquico e afetivo. Portanto compreender o sujeito em sua totalidade implica no reconhecimento de que, no seu desenvolvimento e na sua aprendizagem coexistem de maneira contraditória e conflitante, razão e desejo.

Os adultos tem dificuldades em reconhecer os direitos das crianças, na disciplina Educação de criança de 0 a 6 anos, analisamos a infância enquanto categoria social que define o verdadeiro papel da educação infantil; os fundamentos políticos, econômicos e sociais , a amplitude, abrangente e diversidade no atendimento da educação infantil no Brasil, antes e pos LDB; possibilitando assim um processo de formação dos professores, para ampliação de referências no trabalho junto às crianças. Trabalhamos também a especificidade das crianças de 0 a 6 anos: relação criança-criança,criança - adulto e adulto - criança; o espaço e tempo sua organização no trabalho pedagógico das creches e pré-escolas;e outros relevantes para trabalhar com essa faixa etária.

As crianças devem ser respeitadas enquanto sujeito de direitos, e por isso cabe aos professores, principalmente os de pré-escola, a importante tarefa de não antecipar os conteúdos escolares, adiando com isso, os sonhos de hoje das crianças e furtando delas o direito de ser simplesmente crianças.

Estar vivo é estar em conflito permanente, produzindo duvidas, certezas sempre questionáveis. Estar vivo é assumir a educação do sonho no cotidiano. Para permanecer vivo, educando a paixão, desejos de vida e morte, é preciso educar o medo e a coragem em ousar. Medo e coragem em assumir a solidão de ser diferente. Medo e a coragem em romper o velho. Medo e a coragem em construir o novo. Medo e a coragem em assumir a educação desse drama, cujos personagens são nossos desejos de vida e morte.

(Madalena Freire)

3. CONTRIBUIÇÕES DO PROESF PARA REFLEXÃO

As contribuições que o curso me proporcionou com todas as disciplinas estudadas, foram e serão de grande importância para minha vida pessoal quanto a profissional. Se que depois da universidade não serei mais a mesma na minha prática docente. O conhecimento que o curso me propiciou fez com que a cada dia sinta cada vontade de saber mais sobre os sentimentos das crianças.

A cada semestre muitas dúvidas foram ao pouco sendo esclarecida, como já citado anteriormente a disciplina de “Multiculturalismo e diversidade cultural”, me fez ter uma nova visão das diferenças encontradas na sociedade em geral, e devemos começar a olhar as crianças com o coração tentar entender seus desejos e anseios, motivando-as, para aprender e a estabelecer-se na sociedade como um todo para que nenhum tipo de preconceito possa atingi-la, e com isso poder expressar-se, buscando oportunidade de ser ela mesma, e assim ser um ser humano cada melhor, criativo, construtivo, prático, crítico.

A disciplina de Pensamento histórico e educação fez-me voltar a época da escola em como o aluno pode ser manipulado com uma versão equivocada de muito tempos da nossa história, passando assim uma versão camuflada do seu real propósito, dando entender que estaria ajudando com que seu ato heróico, a sociedade de um modo geral.

Comecei a refletir muito com a disciplina de Matemática, pois como havia sentido dificuldade com ela no decorrer da vida escolar, queria entendê-la, percebi que o professor desempenha um papel essencial para tornar a criança matematicamente competente. Permitindo que a criança participe do mundo real e que sua capacidade possa influenciar em mudanças no meio. muitas fracassam durante suas vidas escolares, por falta dos conceitos básicos, por isso deve-se trabalhar esses conceitos de forma prazerosa, para que as crianças possam criar e recriar os conceitos, e não treinando mecanicamente.

A disciplina de Sexualidade me propiciou momentos de grande aprendizado, pois possibilitou a quebra de barreiras e obstáculos que até então não havia solucionado. Pôde me fazer enxergar que ainda carregava comigo uma série de preconceitos, que teria vencer para poder tentar mudar e, assim ajudar nas situações em sala de aula. Lendo alguns textos sobre o assunto, entendi que a criança foi concebida e tratada de diferentes maneiras em diferentes momentos e lugares da história da humanidade, sendo

tratada como objeto de estudo. Na verdade tem sido sempre o adulto que estuda, organiza e decide por ela. A criança tem sido alvo de normas traçadas pela família, pelo médicos e pelos teóricos da educação, que prescrevem como trata-la e educa-la, com o objetivo de alcançar a obediência. Não podemos deixar de falar nesse assunto, pois a sexualidade se constitui em um aspecto importante da formação dos sujeitos e dos grupos, com atenção no contexto das políticas e dos programas educacionais. A sexualidade tem a ver com o modo como as pessoas vivem seus desejos e prazeres, tem a ver, portanto, com a cultura e a sociedade ,mais do que com a biologia.

É impossível separar a escola de tudo isso, se a escola é uma instituição social ela está totalmente envolvida com as formas culturais e sociais de vivermos e constituirmos nossas identidades de gênero e nossas identidades sexuais.

A disciplina “Gestão Escolar” fez-me tomar consciência de como precisamos lutar por uma escola realmente democrática, que visa atender os objetivos transformadores dos nossos alunos e uma educação de qualidade para todos, começando desde a educação infantil que é o alicerce da educação básica.

A disciplina de Temas Transversais possibilitou ver como é trabalhar com a interdisciplinaridade, que são temáticas específicas do cotidiano e interesses das crianças, onde se trabalha, com os problemas existentes da sociedade, e que objetivam a educação em valores. Não há interdisciplinaridade, sem intenção consciente clara e objetiva por parte daqueles que a praticam, aprende-se com ela que um fato ou solução nunca é isolado, mas sim consequência da relação entre outras, mostra que as pessoas podem mudar seus valores em qualquer idade, ele não é genético é uma questão de interações.

O PROESF contribuiu para que em quanto professora descobrisse as concepções e embasamentos teóricos, pensasse nessas implicações pedagógicas e buscasse através dessas descobertas, compreender a importância da nossa renovação para que possamos enriquecer cada vez mais nossa prática e consigamos uma educação transformadora da realidade em que vivemos hoje, além de ter também mas segurança no que faço. Hoje minha postura diante de meus alunos vem mudando a cada dia, pois meu olhar diante deles mudou, vejo que não se consegue uma desenvolvimento pleno e prazeroso se as crianças não sente por parte do professor um afeto, deixando com que elas também expresse esse sentimento. O desempenho, o sucesso e a ampliação do potencial dos alunos dependem de nossa sensibilidade para vê-los como seres humanos

e por meio dessa prática, nós educadores, podemos ter a chance de ir além e de aprender com nossos educandos.

Portanto, é necessário que, desde já se comece a pensar, em elaborar novos currículos para educação, voltados realmente para realidade do aluno e para situação que enfrentamos hoje.

Para Gabriel Perissé (2004, p. 156-157), a família, os professores, a escola e os meios de comunicação falham terrivelmente em sua tarefa de nos formar quando atropelam um processo de desenvolvimento da originalidade pessoal. Deveriam estar preocupados, por coerência com a sua missão educadora, com o cultivo das capacidades reais de cada pessoa e deixar em segundo plano os elementos externos e passageiros, esta necessidade de ajustar o indivíduo aos padrões sociais vigentes. Uma formação humana primorosa compreende que o melhor ajustamento de todos à realidade é aquele em que as pessoas encontram a sua real identidade. Uma identidade valorizada gera maturidade, e maturidade possibilita à pessoa dialogar com os limites impostos pelas circunstâncias concretas do seu entorno, com pressões do ambiente político etc.

3.1. Como a criança era vista pela sociedade

Segundo Venâncio (1997) desde o século XVI o problema do abandono das crianças preocupava eclesiástico e administradores. Isto acabou levando os jesuítas criarem os colégios de menino instituições para poder abriga-los.

Ao longo do século XVI a população dos principais centros aumentou significativamente e o abandono das crianças passou a ser percebida entre a população.

Durante o segundo e terceiro século da colonização surge uma mortalidade selvagem de abandono, onde crianças com poucos dias ou meses de vida não encontram abrigo e eram deixadas nas ruas, praias, terrenos baldios e lixeiras tendo como companhia cães, porcos e ratos. Para uma sociedade, que havia herdado a religião européia, a crença na danação da alma daqueles que faleciam sem receber o sacramento do batismo causava indignação e perplexidade.

A primeira forma de auxílio, patrocinado pelas câmaras, seria que todo aqueles, que encontrasse um recém-nascido na rua, ou que recebesse em suas casas deveria, batiza-lo, com isso receberia do pároco um certificado, em poder desse papel poderia solicitar ajuda financeira ao presidente da câmara. O valor pago às famílias “criadeiras” era variável, trimestral, ao fim da criação, por morte ou pelo fato do menor ter atingido

sete anos de idade. As Santas casas implanta outro sistema de auxílio comum às principais cidades coloniais a “Roda dos Expostos”, no Brasil apenas Salvador, Recife e Rio de Janeiro estabeleceram as Rodas no período colonial.

Com a independência em meados do século XIX a instituição conheceu enorme sucesso, onde funcionavam Rodas hospitalares não havia como excluir crianças do auxílio, e ela funcionava dia e noite. Não era só os miseráveis que alimentavam as Rodas e domicílio com os pequenos enjeitados, mulheres brancas de boa estirpe enjeitavam, seus filhos, pois era condenação mortal e familiar filhos de amores proibidos. Mulheres internadas, em enfermarias no Hospital da misericórdia também poderiam recorrer à ajuda concedida aos expostos, e se estas viesse à morrer os administradores assimilavam o órfão à condição de enjeitado. Com a negação da maternidade entre as mulheres resultava na multiplicação de mães de criação, mães de aluguel, contratada pela câmara ou Santa Casa, elas poderiam ser livres ou escravas.

Entre a população branca o comportamento feminino austero, o filho ilegítimo ficava sujeito a condenação moral, enquanto que uma mulher negra ou mestiça não era desonrada no mesmo grau. As instituições protegiam as mulheres do crime moral, enquanto levava os bebês ao infanticídio. Os fatores que também resultavam em abandono entre crianças, nascimento de gêmeos, repentina doença da criança, falta de serviço hospitalar, morte dos pais, e a intenção de proteger as crianças. Em uma sociedade que não possui orfanatos para recém – nascidos o auxílio dos expostos cumpriu o seu papel.

Com um grande número de abandonados na Roda dos Expostos e sem uma fiscalização dos administradores houve um massacre de crianças, que não tinha no ambiente onde eram deixadas uma estrutura adequada para tal, e as crianças muitas vezes morriam de moléstias, fraqueza congênita, tétano, sarna, convulsões, e inflamações entre os recém – nascidos. Meninos e meninas que conseguiam passar dos primeiros anos de vida, e chegar aos sete anos, muitas delas brancas meninos são adotados, outras permaneciam nas instituições fazendo alguns serviços domésticos, os negros e pardos sem família acabavam, sendo alvo de negociatas, eram vendidos, trocados ou dada de presente pelos administradores. Com isso a comemoração dos sete anos, era para criança motivo de angústia.

Para Elizabeth, questionar o amor materno no século XVIII, ainda torna-se uma tarefa muito difícil, pois foram feitas muitas críticas sobre o livro “O amor ausente”, onde ela diz nunca ter dito que o amor materno é uma invenção do século, queria apenas

dizer que uma sociedade que não valoriza um sentimento pode extingui-lo, ou sufoca-lo a ponto de eliminá-lo em numerosos corações. No século XVIII, era comum mães entregarem seus filhos para ama de leite, pois elas achavam que a criança sendo criada no campo seria bom para sua saúde, assim estaria se sacrificando pela criança e colocando o amor materno a salvo, esse sentido não seria colocado em dúvida. Mesmo não sabendo de inúmeras mortes de crianças confinadas as amas de leite, mulheres que já haviam, perdido seus filhos, continuavam enviando-os para o mesmo lugar.

Segundo Áries (1981), a criança na idade média era vista como um adulto em miniatura, não possuía espaço na sociedade. Sua passagem pela família e pela sociedade era breve, contudo havia um sentimento superficial reservado à criancinha em seus primeiros anos de vida a paparicação, onde as pessoas se divertiam com os pequenos como se fossem um animalzinho. Não havia um sentimento entre os cônjuges, entre pais e filhos, não era necessária à existência nem ao equilíbrio da família. A família medieval tinha como missão a conservação dos bens, prática de um ofício, a proteção da honra e da vida. Ela não tinha função afetiva, essa função era realizada por outra família. Adultos e crianças viviam misturados e essa convivência era a sociabilidade. As trocas afetivas e as comunicações sociais eram realizadas portanto fora do ambiente familiar. A partir do século XVII, a escola substitui a aprendizagem como meio de educação. Isso quer dizer que a criança deixou de ser misturada aos adultos e de aprender a vida diretamente, mediante o contato com eles. Neste período a família tornou-se o lugar de uma afeição necessária entre os cônjuges e entre pais e filhos.

Assim passou-se a organizar-se, em torno da criança e a lhe dar muita importância, tirando-a do anonimato. Alguns pensadores achavam que era necessário a separação das crianças dos pais, para que elas não fossem mimadas e mal educadas, surgindo assim a moralização, que tinha a preocupação com a disciplina e a racionalidade dos costumes.

No século XVII, as condições gerais de higiene e saúde das crianças eram muito precárias. Sua fragilidade era tão grande, que elas morriam com facilidade, seus pais não deixavam de ficar penalizados, mas viam sua morte como algo natural: a criança morta poderia ser substituída por outra recém-nascida; ao longo de suas vidas, as mulheres davam à luz há muitos filhos, tendo como certo que muito deles não iriam sobreviver, à primeira infância. No século XVII, surgiu a preocupação com a higiene e saúde física da criança, o cuidado com o corpo não era desconhecido dos educadores moralistas do século. Os doentes eram tratados com dedicação, mas havia interesse pelo corpo sadio, a não ser com um objeto moral.

A criança passou a ser considerada historicamente do adulto, com ritmos de crescimento, comportamento e individualidade própria, assumindo com isso, um lugar central dentro da família. Durante muito tempo a criança não foi reconhecida enquanto sujeito de direitos, porém, hoje já existe um avanço nessa direção.

Segundo Arroyo (1995), (...) “a infância cresceu como sujeito” (p.19). A criança tem sua identidade própria. Tudo isso pode ser verificado em leis e vários documentos que começaram a explicitá-los, como: o Estatuto da criança e do Adolescente 1990, A constituição de 1988, o documento “Critérios para atendimento em Creches e Pré-escolas que Respeitem os Direitos fundamentais da Criança” (COEDI/MEC 1995), a nova LDB (1996), o Plano Nacional de Educação (1997), etc. A sociedade defende cada vez mais uma proposta pedagógica escolarizante. Apesar da mudança da visão da sociedade, muitas crianças ainda continuam sendo tratadas como “mini – adultos”, não tendo seus direitos assegurados.

Já quando nasce a criança manifesta a necessidade de aprender. Começando assim a explorar o mundo que a cerca, ao encontrar as primeiras barreiras, a criança começa a organizar e construir as estruturas do pensamento.

As crianças estão indo cada vez mais cedo a escola. Esta, por sua vez, assume funções que antes era delegada à família, meio gerador onde a criança dispunha de espaço – físico e emocional – necessário para executar sua vontade de explorar, experimentar e se interessar pelo mundo externo. É no ambiente familiar, que a criança amplia seus horizontes e põe em prática, as respostas sociais, a infância, fase rica em descobertas fica limitada ao sistema de valores, que expõem a criança a conceito de fracasso e sucesso.

As atitudes espontâneas das crianças são deixadas de lado pela necessidade de executar ordens pré determinadas em prazos pré –estabelecidos e de ter um desempenho que lhe assegure posições de acerto ou erro. A escola deve refletir, na construção de conceitos mais amplos e significativos. Como defende Marcelino (1990), mais que educar para a realidade, precisamos educar as crianças para mudanças desta realidade, se possível em direção à construção de uma nova sociedade.

3.2. A importância de vivências lúdicas para expressão do afeto

As crianças através de brincadeiras lúdicas, conseguem expressar seu sentimentos. Como argumenta Marcellino (1990), com o passar dos anos, cada vez menos a necessidade da criança em relação a essa vivência tem sido levada em conta. Na sociedade contemporânea, o respeito às necessidades infantis eram pouco considerada, e gradativamente a vivência do lúdico tem sido roubada, sendo diversos os motivos que colaboram para que isso ocorra. Com uma agenda cheia de compromisso e obrigações, típicas do adulto, visando a formação para o mercado de trabalho. A vivência do lúdico fica reservada aos momentos de lazer, assim como acontece com os adultos, ou seja, adiada ao seu tempo livre, quando ao contrario, deveria ser contemplada em grande parte da infância.

Marcellino ainda ressalta que há um descompasso entre o discurso oficial, que reconhece a importância do lúdico e a prática no cotidiano. Restringindo assim, o tempo que as crianças tem para vivenciar uma cultura produzida por ela e não segundo os critérios do adultos. A escola tem dado sua contribuição eficaz com relação ao furto do lúdico, em especial quando desconsidera a cultura da criança. Raramente as atividades lúdicas são consideradas pela escola, e quando isso ocorre, as propostas são tão carregadas pelo adjetivo “educativo”, que perdem as possibilidades de realização do brinqueado, alegria e da espontaneidade. É de grande importância que haja uma educação da criança, entre as crianças e pelas crianças e não deixar que sua cultura seja totalmente impregnada pela cultura dos adultos.

Elas devem ser entendidas como participante da dinâmica da sociedade para caracterizar o lúdico, enriquecendo com isso a cultura de toda uma sociedade. É preciso que ao intervir, o adulto respeite os direitos da criança, deixando que elas nos ensinem sonhos, pois se há algo a ser ajustado, é a realidade ao sonho e não o contrário.

Segundo Nunes (2005), tal fato pode ser observado especialmente nos grandes centros, o espaço da brincadeira ficou restrito. A rua e a praça que antes eram espaços de vivências corporais, lúdicas e imaginativas, ponto de encontro das crianças para brincarem, nem sempre podem ser frequentadas, pois a violência que, impera não nos permite deixar que os pequenos brinquem à vontade, independentemente da classe social a que pertença.

3.3 A ARTE DE SER FELIZ

Cecília Meireles

Houve um tempo em que minha janela se abria
Sobre uma cidade que parecia ser feita de giz.
Perto da janela havia um pequeno jardim quase seco.
Era época de estiagem, de terra esfarelada,
E o jardim parecia morto.
Mas todas as manhãs vinha um pobre com um balde,
E, em silêncio, ia atirando com a mão umas gotas de água sobre as plantas.
Não era uma regra: era uma espécie de aspersão ritual, para que o jardim não
Moresse.

E eu olhava para as plantas, para o homem, para as gotas de água que caíam de seus
Dedos magros e meu coração ficava completamente feliz.
Às vezes abro a janela e encontro o jasmineiro em flor.
Outras vezes encontro nuvens espessas.
Avisto crianças que vão para a escola.
Pardais que pulam pelo muro.
Gatos que abrem e fecham os olhos, sonhando com pardais.
Borboletas brancas, duas a duas, como refletidas no espelho do ar.
Marimbondos que sempre me parecem personagens de Lope de Vega.
Às vezes, um galo canta.
Às vezes, um avião passa.
Tudo está certo, no seu lugar, cumprindo o seu destino.
E eu me sinto completamente feliz.
Mas, quando falo dessas pequenas felicidades certa,
Que estão diante de cada janela, uns dizem que essas coisas não existem,
Outros que só existem diante das minhas janelas, e outros,
Finalmente, que é preciso aprender olhar, para poder vê-las assim.

4. REFLETINDO AFETIVIDADE

Sabendo que as crianças ao saírem da educação infantil, sofrem uma ruptura brusca, pois nas séries iniciais são tratadas como se não fossem crianças, sentem muito com a diferença no relacionamento com a professora, a quebra do vínculo faz com que sintam insegurança e as vezes podem ser prejudicadas em sua aprendizagem. Um outro aspecto relevante na construção do ambiente cooperativo, é que algumas professoras consideram que para trabalhar com educação infantil basta “gostar” de crianças. “Gostar de crianças” não é de forma alguma, condição suficiente; mas é condição necessária para se trabalhar com os pequenos.

Se o professor não aprecia trabalhar com crianças, ele não aprenderá a gostar delas em nenhum curso de formação ou aperfeiçoamento; podendo, no máximo, vir a aprender a respeitá-las, e isso se for tomando consciência da importância de o professor ser um profissional preparado, apto e capaz para auxiliar as crianças na construção do conhecimento, visto que, desempenhará um importante papel na vida delas. Porém, infelizmente, alguns professores de educação infantil afirmam que “não gostam de trabalhar com crianças de jeito nenhum”... essas pessoas demonstram não respeitarem suficiente as crianças e nem a elas mesmas, a ponto de mudarem de profissão.

Assim, as relações entre as crianças são regidas por sentimento de simpatia e de antipatia. Por isso é importante que o professor promova o sentimento de amizade, simpatia e auxílio mútuo entre as crianças, visto que a motivação para cooperar depende do fato de as crianças se importarem com o relacionamento, esforçando-se e tentando coordenar os pontos de vista. Os relacionamentos mais estáveis não surgem de uma hora para outra e nem são impostos, são desenvolvidos mediante vivências e a interação entre pares.

Para Piaget (1987), a inteligência é uma forma de adaptação. É uma contínua construção cada vez mais complexa e busca uma equilíbrio progressiva entre o organismo e o meio. A concepção de Piaget sobre a inteligência remete a uma abordagem onde o desenvolvimento do pensamento é um processo de autêntica construção. Nesse desenvolvimento das estruturas da inteligência, identificou quatro estágios que marcam essa evolução (sensório-motor, pré-operatório concreto, e operatório formal). É preciso lembrar que a aquisição de um novo conhecimento resulta da construção, isto é, de uma “descoberta” e de uma “invenção” por parte do sujeito.

Piaget mostrou que a evolução da afetividade, dos interesses, ocorre paralelamente ao desenvolvimento das estruturas cognitivas.

Segundo Vygotsky (apud Castorina, 1996), a interação social e o instrumento da linguagem são decisivos para compreender o desenvolvimento cognitivo. A aprendizagem interage com o desenvolvimento produzindo sua abertura nas zonas de desenvolvimento proximal (ZDP) nas quais as interações sociais e o contexto sócio-cultural são centrais.

Os processos de desenvolvimento e de aprendizagem estão intimamente inter-relacionados, devido à aquisição de qualquer habilidade inferior que envolve uma interferência do adulto, incluindo “quem aprende” e “quem ensina” e a relação social que há entre eles.

Wallon (1995) estuda o funcionamento humano segundo uma visão integradora de todos os aspectos que compõem tal funcionamento. Defende, portanto, a idéia de integração entre três campos funcionais: o afetivo, o cognitivo, e o motor. Tais campos exercem, ao longo do desenvolvimento humano, uma relação de influencia e dependência, integrando-se na constituição de um quarto campo funcional, que Wallon denominou da pessoa. A afetividade, assim como a inteligência, não aparece e nem permanece imutável em todo decorrer da vida do individuo. Ambas evoluem ao longo do desenvolvimento bio-social da criança.

Construir o aprender, mostra-se que o conhecimento, ao contrario do que se pregava, resulta da interação entre o individuo, a informação que lhe é exterior e as significação que atribui a essa informação.

Portanto, a escola não deve se limitar a estudar e promover somente aspectos que se refiram somente ao desenvolvimento cognitivo. Ela deve procurar interligação no desenvolvimento das atividades que compreendam o desenvolvimento científico, dando espaço também para um trabalho que possibilite a compreensão do aspecto afetivo, já que este, assim como o cognitivo, é inerente à conduta humana.

É possível entender, pela análise histórica, os motivos pelos quais a dimensão afetiva não tem sido considerada central nos processos de construção humana, embora nunca tenha sido negada. Recebemos, como herança uma concepção secular segundo a qual o homem é um ser cindido entre razão e emoção – a chamada concepção dualista do ser humano, cujas raízes estão na tradicional separação cartesiana entre corpo e alma.

Mas no caso presente, além do dualismo razão/emoção, durante séculos o pensamento dominante sempre caracterizou a razão como dimensão mais importante,

sendo a emoção, em vários momentos históricos, considerada o elemento desagregador da racionalidade, responsável pelas reações inadequadas do ser humano.

Pelas interações sociais, as manifestações posturais vão ganhando significado e, com aquisição da linguagem, a afetividade adquire novas formas de manifestação, mais complexas, além de ocorrer também uma transformação nos níveis de exigência afetiva.

Portanto, a qualidade das interações que ocorrem em sala de aula, incluindo todas as decisões de ensino assumidas, refere-se a relações intensas entre professores e alunos, proporcionando diversificadas experiências de aprendizagem, a fim de promover o desenvolvimento dos alunos. O ato de ensinar envolve grande cumplicidade do professor a partir do planejamento das decisões de ensino assumidas; mas tal cumplicidade também se constrói nas interações, através de que é falado, do que é entendido, do que é transmitido e captado pelo olhar, pelo movimento do corpo que acolhe, escuta, observa e busca a compreensão do ponto de vista do aluno.

A atuação pedagógica, precisa ser planejada, organizada e transformada em objeto de reflexão, no sentido de buscar não só o avanço cognitivo dos alunos, mas propiciar as condições afetivas que contribuam para o estabelecimento de vínculos positivos entre os alunos e os conteúdos escolares. É possível, assim, afirmar que a afetividade esta presente em todos os momentos ou etapas do trabalho pedagógico desenvolvido pelo professor, e não apenas nas suas reações “tetê-à-tête” com o aluno.

A escola convencional, edificada para transmitir aos mais novos os saberes que a sociedade acumulou, perdeu espaço para outras “agencias” de informação. Não mais se buscam nas aulas os saberes que podem ser conquistados com a Internet, em livros e em enciclopédias, nos canais de TV e em muitas outras formas; mas, curiosamente, o mesmo avanço científico e tecnológico que questiona a essência da escola conteudística e informativa mostra novas descobertas no conhecimento do genoma humano e ressalta a imprescindibilidade de uma nova educação: a educação da afetividade.

“Portanto para realizar uma ação educativa eficaz, a escola não deve se considerar alheia aos conhecimentos que favoreçam o total desabrochar da pessoa. Pelo contrário, deve considerar atenta a todos os aspectos relacionados com a atividade de conhecimento, para realmente se constituir num meio propício para o desenvolvimento mental e pessoal da criança”.

(Almeida, p.13).

O ser humano passa maior parte de suas vidas na escola; as experiências e aos conhecimentos lá vivenciados possuem grande significação em toda sua vida social e

afetiva. O professor não deve assumir papel de pai ou de mãe do aluno, mas deve atuar como um mediador, não só no processo cognitivo, mas também do processo de evolução da afetividade da criança.

Para Faria (2005), a pedagogia faz-se no espaço e o espaço, por sua vez consolida a pedagogia. Porém na realidade o que vemos são instituições de ensinos inadequadas a um ambiente de educação infantil (há uma grande número de crianças por sala, causando grandes transtornos tanto para criança quanto para as instituições, que infelizmente não foram planejadas visando atender as necessidades das crianças e sim de um sistema). Ressalta ainda que o espaço físico deva levar em consideração todas as dimensões humanas, potencializadas nas crianças: o imaginário, o lúdico, o artístico, o afetivo, o cognitivo, etc.

Nessa perspectiva (Marcellino, 1990), ressalta que torna-se mais importante a consideração da vivência do lúdico como processo e não apenas como produto. Enfim, é preciso mudar! E para isso Faria (2005) destaca que é preciso otimização das condições e dos recursos materiais e humanos para que se possam implantar no país redes de ensino de qualidades com todos os aspectos que o COEDI /MEC propõe.

Com isso estaremos por garantir que as instituições de educação possam oportunizar ambiente propício, onde as crianças possam expressar nas mais diferentes intensidades suas cem linguagens, conviver com todas as diferenças, combatendo as desigualdades, exercitando a tolerância, a solidariedade, cooperação e todos os comportamentos e valores de caráter coletivo, para construir sua identidade e autonomia.

É maravilhoso saber que existem profissionais que, por meio de um trabalho embasado na afetividade, conseguem o respeito e a admiração dos seus alunos, contribuem, dessa forma, imensamente para o melhor desenvolvimento do ensino-aprendizagem. Para finalizar acrescento ao final dessa reflexão uma poesia que li em um memorial, que mostra muito quanto as crianças, são criativas e maravilhosas em muitas linguagem infantil, e precisam ser ouvidas e respeitadas em seus direitos.

4.1. AO CONTRÁRIO, AS CEM EXISTEM

Loris Malaguzzi

A criança
É feita de cem.
A criança tem cem mãos
Cem pensamentos
Cem modos de pensar
De jogar e de falar.
Cem sempre cem
Modos de escutar
De maravilhar e de amar.
Cem alegrias
Para cantar e compreender.
Cem mundos
Para descobrir
Cem mundos
Para inventar
Cem mundos
Para sonhar.
A criança tem
Cem linguagens
(e depois cem cem cem)
Mas roubaram-lhe noventa e nove.
A escola e a cultura
Lhe separam a cabeça do corpo.

Dizem-lhe:
De pensar sem as mãos
De fazer sem a cabeça
De escutar e de não falar
De compreender sem alegrias
De amar e de maravilhar-se
Só na Páscoa e no Natal.
Dizem-lhe:
De descobrir um mundo que já existe
E de cem roubaram-lhe noventa e nove.
Dizem-lhe:
Que o jogo e o trabalho
A realidade e a fantasia
A ciência e a imaginação
O céu e a terra
A razão e o sonho
São coisas
Que não estão juntas.
Dizem-lhe enfim:
Que as cem não existem.
A criança diz:
Ao contrário, as cem existem.

Nada lhe posso dar que já não existam em você mesmo. Não posso abrir-lhe outro mundo de imagens, além daquele que há em sua própria alma. Nada lhe posso dar a não ser a oportunidade, o impulso, a chave. Eu o ajudarei a tornar visível o seu próprio mundo, e isso é tudo.

(Hermann Hesse)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante todos os semestres já concluídos fomos convidadas a repensarmos a nossa prática, para buscarmos alternativas melhores de trabalho com nossas crianças.

Confesso que ao começar pensar no memorial ficava muito preocupada em não conseguir realizar este trabalho. Foi um processo muito esforço e dedicação, porque é difícil a gente relatar, o que aconteceu há muito tempo e em outro contexto histórico ao que vivemos no momento. Segundo Kensk (1996), quando nos engajamos no processo de rememoração temos a possibilidade de refletimos sobre nós mesmos, nossa historia nosso percurso de vida.

Diante das reflexões que decorrem neste trabalho acerca da afetividade, na sua importância e difícil relação entre professor e aluno, fica claro que a afetividade e inteligência se misturam, dependendo uma da outra para evoluir, visto que a parte afetiva é essencial para o desenvolvimento humano.

Hoje estou diante de uma realidade na qual passei a refletir e a questionar-me, pois para mim a afetividade no ambiente escolar se dá quando me preocupo com meus alunos, reconhecendo-os como indivíduos autônomos, com experiências de vida diferentes da minha, sendo que cada um tem o direito de ter preferências e desejos que nem sempre são iguais aos meus.

O Proesf contribui para meu crescimento pessoal e profissional, pois me levou a buscar formas diferenciadas para desenvolver meus conteúdos diante de minha sala de aula. A cada descoberta que o curso me propiciou, fazia com que também meus alunos fossem privilegiados também, com isso buscava aulas mais significativas, interessantes e motivadoras.

Posso, então, concluir que é muito importante para o desenvolvimento da aprendizagem, indentificamos a necessidade de que o professor veja seus alunos com mais atenção, para entender suas condutas e não fazer julgamento precipitados, entendendo que o professor deve estar, antes de tudo, comprometido com a educação, com o conhecimento, de forma a contribuir com a formação da pessoa, do desenvolvimento da sua personalidade, como participante do grupo social em que vive.

Portanto, é importante que se invista na formação do professor, é um passo que a escola deverá dar para lidar com a questão das transferências, que vai além de suas habilidades teóricas e metodológicas.

Enfim, fica evidente a impotência que tem para nós, educadores, o conhecimento da afetividade, quer seja através das emoções, da força motora das ações ou do desejo e da transferência, para o melhor desenvolvimento da aprendizagem do aluno, e conseqüentemente, para uma melhor relação entre aluno e o professor. A escola portanto, deve voltar-se para a qualidade das suas relações, valorizando o desenvolvimento afetivo, social e não apenas cognitivo, como elementos fundamentais no desenvolvimento da criança como um todo.

Por isso é imprescindível que nós professores estejamos preparados para atender e desenvolver as necessidades afetivas de nossos alunos, que só se consolidarão através de experiências puramente afetivas das crianças com o professor entre si, pois quem está nessa luta deve conhecer as dificuldades existentes.

Precisamos ter sensibilidade para falar ao coração dos nossos alunos, levando-os a pensar antes de reagir, a não ter medo, a ser líder de si mesmo, autor da sua história, a se doar sem esperar retorno, extrair prazer nos pequenos estímulos da existência, saber perder, correr riscos para transformar os sonhos em realidade. Mas acima de tudo levá-los a se conscientizar de que o respeito mútuo é imprescindível para o ser humano, é onde nos edificamos como seres pensantes, o afeto e inteligência curam as feridas da alma, reescrevem as páginas fechadas do inconsciente.

O professor é um mediador que está entre a criança e a sociedade, é ele que leva a criança perceber que o mundo é muito mais do que sua vida em família. Por isso nós professores devemos olhar nos olhos de nossos alunos, onde os gestos falam mais do que muitas palavras.

*O valor das coisas não está no tempo em que elas duram,
mas na intensidade com que acontecem.
Por isso existem momentos inesquecíveis,
coisas inexplicáveis e
pessoas incomparáveis".
Fernando Pessoa*

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, Ana Rita Silva. **A Emoção na Sala de Aula**. São Paulo: Summs, 1992.
- ALMEIDA, Laurinda Ramalho de. **Wallon e a Educação**. In: Henri Wallon Psicologia e Educação. São Paulo: Loyola, 2.000.
- ANTUNES, Celso. **A Afetividade na Escola: Educando com Firmeza**. Coleção. Afetos e Limites. Ed. Sistema Maxi.
- ARIES, Philippe. **Historia Social da Criança e da Família**. 2 ed. Rio de Janeiro: Zahar Editora, 1981.
- ARROYO, Miguel. **O significado da infância**. Brasília: MEC, 1995.
- BADINTER, Elisabeth. **Um Amor Conquistado – O mito do amor materno**. São Paulo. ED. Nova FRONTEIRA.
- CASTORINA, José Antonio. (et al) Piaget – Vygotsky: **Novas contribuições para o debate**. São Paulo: Editora Ática, 1996.
- . **Educação Infantil pós LDB: rumos e desafios**. Campinas: Autores Associados, 2005.
- FARIA, Ana Lúcia Gulart de. **Educação pré-escolar e cultura: para uma pedagogia da educação**. Campinas: Editora da Unicamp, São Paulo: Cortez, 1999.
- FERREIRO, Emilia. **Reflexões sobre a alfabetização**. São Paulo: Editora Cortez, 1997.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativas**. São Paulo: Paz e terra, 1996.
- KENSK, Vani Moreira. Memória e prática docente. In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues (org). **As faces da memória**. Campinas: Centro de Memória – Unicamp, 1996.
- LEITE, Sergio Antonio da Silva. **Afetividade e práticas pedagógicas**. [org]. – 1 ed. – São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006.
- MALAGUZZI, Lois. Ao contrario, as cem existem. In: FARIA, Ana Lucia G. e Marina Silveira Palhares (Orgs.). **Educação infantil pós-LDB: rumos e desafios**. Campinas: Autores Associados, 2005. p. 73-74.
- MARCELLINO, Nelson C. **Pedagogia da animação**. Lazer e infância – o furto do lúdico: implicações para o processo educativo. Campinas Papirus, 1990, cap. 2, p. 53 – 89.
- NUNES, Leila Rodrigues. **Jogos, brincadeiras e brinquedos**. Vinhedo: Faculdade de Vinhedo, 2005. Monografia (graduação em Educação Física). 44p.

OLIVEIRA, Ivone Martim de. **O sujeito que se emociona**: signos e sentidos nas práticas culturais. Campinas, São Paulo. 2001 Unicamp/FE (tese de doutorado).

PERISSÉ, Gabriel. **A arte de ensinar**. São Paulo: Editora. Omega, 2004.

SINGER, Helena. **Republica de crianças sobre experiências escolares de resistência**. São Paulo: Hucitec e FAPESP, 1997.

PIAGET, Jean. **Problemas de Psicologia Genética**. São Paulo: Victor E, 1978. Serie Os Pensadores.

VENANCIO, Renato Pinto. **Maternidade Negada**. Em Histórias das Mulheres no Brasil. São Paulo: Unesp, 1997.

VINHAS, Telma. **O educador e a moralidade infantil**: uma visão construtivista. Campinas, São Paulo: Mercado das Letras: São Paulo: FEPESP, 2000.

WALLON, Henri. **Uma Concepção Dialética do Desenvolvimento Infantil**. Isabel Galvão. Editora Vozes, 1995.